

Rosa Luxemburgo: atualidade da análise política, da teoria econômica e da crítica do direito

GUILHERME LEITE GONÇALVES e CÉSAR MORTARI BARREIRA (ORGS.)

Rio de Janeiro: Mauad X, 2022. 284p.

*Thiago Fernandes Franco**

Na *Apresentação*, assinada pelos organizadores, temos que o livro foi idealizado em 2017, “no transcurso da disciplina eletiva ‘Capitalismo e Democracia’, ministrada por Guilherme Leite Gonçalves no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro”, na qual se “pretendia [...] levantar questões a respeito de processos autoritários que se escancaravam no cenário global”. O problema candente, indicado no título da referida disciplina, abordou a relação entre *Capitalismo e Democracia*, um tema bastante trabalhado na multifacetada tradição marxista, inclusive na brasileira, e que tanto em termos gerais quanto no debate brasileiro, evoca a polêmica figura de Rosa Luxemburgo. É a partir desse referencial que temos notícia do percurso da disciplina e vemos enunciado o objetivo do livro que resenhamos, qual seja o

* Professor de Relações Internacionais na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: thiagoffranco@yahoo.com.br.

de “refletir sobre a atualidade do pensamento de Rosa Luxemburgo, pouco mais de 150 anos de seu nascimento”.

A partir de então, a obra se divide em duas partes. Na primeira delas – “Polêmicas em torno da democracia” – encontramos nove capítulos. Grazielle V. Ozorio assina “Redesenhando *A Revolução Russa*, de Rosa Luxemburgo”; Bruna da Penha M. Coelho, “A defesa das liberdades democráticas em Rosa Luxemburgo: aparência de igualdade ou estratégia de superação da alienação?”; João Guilherme L. Roorda, “A possibilidade da democracia na transição socialista: o debate entre Lukács, Luxemburgo e Lênin sobre a Revolução de Outubro”; João Pedro Pacheco, “O debate sobre socialismo e democracia na conjuntura da Rússia pós-Revolução”; André Matheus assina “A crítica da democracia burguesa em Rosa Luxemburgo”; Rhaysa Ruas e Olenka Lyubchenko assinam “Socialismo, democracia e autorreflexividade na análise de Rosa Luxemburgo sobre a Revolução Russa”; Amélia C. R. Maciel, “Democracia ou ditadura do proletariado: um debate com Luxemburgo sobre a Rússia revolucionária”; Vinícius L. da Silva assina “Classe e Estado: socialismo como realização da democracia?” e, por fim, os organizadores Guilherme L. Gonçalves e César M. Barreira fecham a primeira parte com “Da forma do capitalismo ao aparato de dominação de classe: concepções de Estado e direito em Marx, Luxemburgo e Lênin”. Todas essas pessoas participaram de alguma forma da disciplina que deu origem ao livro.

A segunda parte – “Reflexões sobre *A Acumulação do Capital*” – é de natureza distinta, com “textos inéditos em língua portuguesa de autoras e autores com pesquisas consolidadas no debate sobre Luxemburgo e *A acumulação do capital*”. A seção se inicia com duas traduções: “Rosa Luxemburgo, *A Acumulação do Capital* (1913)”, de Klaus Dörre; e “Nos primórdios da macroeconomia marxiana”, de Michael Krätke. Isabel Loureiro prestigia a publicação com “A atualidade de *A Acumulação do Capital* na América Latina”; seguida por Marina M. Gouvêa, com “Uma rosa nasceu na lua. Era belíssima – Rosa Luxemburgo na compreensão do capitalismo e na práxis revolucionária”; e Marcelo D. Carcanholo com “Apon-tamentos críticos sobre a teoria da crise em Rosa Luxemburgo”. Na sequência, outra tradução, agora de “Terceiros e reprodução: uma nota para a crítica de Rosa Luxemburgo sobre os esquemas de reprodução de Marx”, de autoria de George Ekonomakis e John Milios; sucedido de “Notas introdutórias ao Direito achado n’*A Acumulação do Capital*, de Rosa Luxemburgo”, assinado por Ricardo P. Pazello e “*O Fora Não Capitalista em A Acumulação do Capital*, de Rosa Luxemburgo: seus usos, seus limites e a atualização de seus propósitos”, de Rafael B. Vieira.

Podemos destacar de partida as traduções, que tornam as discussões internacionais acessíveis para a crescente comunidade interessada na obra de Rosa – que, tanto dentro quanto fora das Universidades, nem sempre lê com fluência textos em língua estrangeira. Sobre-tudo no contexto de ampliação e diversificação – democratização? – do acesso ao conhecimento acadêmico, as traduções

cumprem papel essencial e podem contribuir com a indiscutível qualidade da tradição luxemburguista brasileira.

Mais importante, deve-se ressaltar a pluralidade de debates que compõe o trabalho, perceptível na combinação de capítulos de mulheres e homens de várias gerações, o que se conecta, sem dúvida, com o que entendemos ser o principal mérito da obra resenhada: uma demonstração da *sala de aula enquanto experiência viva de Educação*, que traz desdobramentos intelectuais e políticos para além dos muros da escola. Cumpre anotar que Rosa Luxemburgo foi ela mesma uma educadora. Esta dimensão de seu *trabalho* e de sua *atuação política* ocupou boa parte de seu tempo e de sua energia intelectual por muitos anos – além de tê-la garantido as condições materiais de vida – e é um aspecto que vem tendo certo relevo em trabalhos recentes sobre seu legado. Contudo, ante o potencial que apresenta em termos da compreensão da autora e de sua práxis revolucionária, ainda nos parece pouco explorado.

Cumpre lembrar que, como ela mesma declara no prefácio de sua obra máxima, *A acumulação do capital*, surgiu a partir da “dificuldade inesperada” da exposição do “processo global da produção capitalista em seu aspecto concreto” e de seus “limites históricos” que vinha preparando para *Introdução à Economia Política* – infelizmente fora de catálogo –, “obra de divulgação” concebida no exercício de sua experiência docente na Escola Central do Partido Social-Democrata alemão em Berlim. Parece-nos, assim, que a obra resenhada, concebida sobre a base de uma experiência *educativa* com vistas à articulação de discussões teóricas com problemas atuais e concretos urgentes – no caso o escancaramento de processos fascistas em dimensão global – evoca certo “espírito luxemburguista” – que não se permite limitar a separações abstratas entre teoria e prática, ensino, estudo e política. Concordamos que o “pensamento” de Rosa se faz atual, *e também* muito de sua peculiar maneira de conduzi-lo *coerentemente* em diversos veículos – livros, jornais, aulas, palanques, tribunas *etc* – o que significa, *por suposto*, que suas ideias foram (re)elaboradas e revistas por ela ao longo do tempo.

Por fim, temos que salientar um último ponto. A obra em apreciação, *vista em sua totalidade, a despeito de posições individuais de um ou outro texto* – que apresentam esperadas e conhecidas divergências –, vai na contramão da aceitação acrítica da compartimentalização do conhecimento, típica do fetichismo da ciência burguesa que conforma nossa atuação intelectual, em especial mas não somente nas Universidades. Que a obra tenha sido produzida originalmente no âmbito de um curso de Direito, em que o marxismo é sabidamente minoritário, não deveria causar espanto a quem conhece a importante tradição jurídica marxista brasileira, com intelectuais do porte de Márcio Naves, Allyson Mascaro e do ministro Silvío Almeida, para nos limitarmos a apenas três nomes de prestígio.

Tomar como ponto fulcral da reflexão – “jurídica”, “política” *etc.* – uma obra “econômica”, como costuma ser classificada *A acumulação do capital*, é demonstrativo de coragem e certa insubordinação intelectual ao próprio fetichismo da

ciência burguesa. Definitivamente, *A acumulação do Capital* não deve ficar sob “jurisdição” exclusiva da Ciência Econômica, onde *costuma ser* reduzida a falhas e técnicas. Essa insubordinação está no cerne do livro resenhado e reitera um caminho importante para a práxis marxista (como um todo) e luxemburguista (em especial): não podemos aceitar a naturalização dos fetiches da ciência burguesa que resultam na compartimentalização do conhecimento.

Por tudo isso, recomendo a leitura de “Rosa Luxemburgo: atualidade da análise política, da teoria econômica e da crítica do direito”.